

# LANGSDORFF, O CIENTISTA VIAJANTE

*Marcos Pinto Braga*

**A** serviço da Academia de Ciências da Rússia e financiado pelo czar Alexandre I, o barão de Langsdorff liderou, em 1826, uma expedição científica pelo interior do Brasil. O material coletado, incluindo quatro mil páginas de diário de viagem, desenhos, amostras da flora e animais empalhados, ficou desaparecido por cem anos, sendo reencontrado num porão do Museu de Leningrado em 1930. Sua inestimável importância como fonte da história brasileira não encontra, no entanto, correspondência no volume de pesquisas e de publicações sobre o tema no país, a despeito do reconhecimento internacional acerca do valor deste acervo para a compreensão das transformações culturais e ambientais ocorridas no Brasil desde então.

Em 1826, quatro anos após a independência do Brasil, em meio às precárias condições existentes na época, uma expedição composta por cinco renomados cientistas europeus preparava-se para embrenhar-se por suas selvas a serviço da Academia de Ciências da Rússia, em um empreendimento financiado pelo czar Alexandre I. Os preparativos da expedição, pelo número de pessoas e amplitude da área a ser percorrida, atraía as atenções de jornais brasileiros e europeus. Eram ao todo 39 pessoas incluindo escravos, guias e remadores, distribuídas em duas grandes canoas cavadas em grossos troncos, três batelões e outras três embarcações menores portando víveres.

Tratava-se da expedição do barão de Langsdorff, côsul geral da Rússia no Brasil, e com ele partiam Hercule Florence, Amadei Taunay e outros cientistas e pintores.

Após percorrer por vários anos o interior do Brasil, Langsdorff conseguiu enviar à Academia de Ciências da Rússia grande quantidade de material coletado, diários de viagens perfazendo mais de quatro mil páginas escritas, cerca de 600 desenhos, observações de toda a natureza e centenas de caixas contendo amostras da flora e animais empalhados. Durante cem anos esse acervo foi dado como perdido. Somente em 1930 foi reencontrado, em um porão do Museu do Jardim Botânico de Leningrado. Hoje, especialistas de vários países reconhecem o seu valor como importante fonte histórica brasileira. O assunto já foi objeto de estudos em vários congressos internacionais de brasilianistas, realizados em diferentes partes do mundo.

O Brasil, um país de grande diversidade cultural e ainda pouco conhecido em suas regiões mais remotas mesmo por brasileiros, necessita dar o devido valor a essa verdadeira radiografia feita em seu interior no século passado, e procurar compreender o seu significado hoje, para melhor conhecer a si próprio. Conhecer, sobretudo, a visão de abrangência ecológica que tinham aqueles senhores, empenhados em desvendar os mistérios da vida e das condições de existência das populações interioranas: índios, negros e mestiços de todos os matizes, que, em seu processo de luta permanente pela própria sobrevivência, contribuíram, de maneira decisiva, para a formação de nossa nacionalidade.

## **Um incansável viajante**

A abertura dos portos brasileiros em 1808 foi revestida de um significado maior do que a simples penetração do capitalismo inglês na rica colônia de um Portugal falido. O exotismo tropical estava agora ao alcance de cientistas das nações fortes, que se embrenhavam pelas matas e selvas à procura de borboletas raras e raízes para todos os males. A exemplo da Suíça, Áustria, Estados Unidos, Inglaterra e França, a Rússia não poderia ficar atrás.

Em setembro de 1812 nomeia um cientista e viajante para o posto de cônsul geral no Brasil, cujas funções eram estudar com detalhes o mercado brasileiro, auxiliar aos mercadores russos no Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, providenciar abastecimento para os navios da Companhia Russo-Americana que atracavam no porto da cidade.

Tratava-se do jovem médico alemão George Heinrich von Langsdorff, possuidor de um vasto conhecimento científico e experiente viajante por várias partes do mundo. Não poderia haver escolha mais acertada para a longínqua Academia de Ciências de São Petersburgo e o nascente capitalismo mercantilista russo, em busca de novos horizontes.

Langsdorff viveu uma vida agitada, compatível com o seu próprio caráter. Nasceu em um vilarejo do Essen Rhenano denominado Wöllstein, no dia 18 de abril de 1774. Seu pai, prefeito do lugar, descendia de uma tradicional família de barões, cujas origens se perdem no século XIV.

Com apenas 23 anos de idade, Langsdorff defendeu sua tese de doutorado sobre obstetrícia, publicada sob o estranho título de *Commentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmorum sive machinarum ad artis obstetriciae facientium vulgo Fantomae dicatorum breve historiam*.

Após seus estudos, tornou-se médico da corte do príncipe alemão Christian August Waldeck, que ao assumir um posto de comandante militar em Portugal levou-o consigo. Pouco tempo depois, seu amigo Waldeck morre, o que leva Langsdorff a dedicar-se mais intensamente às suas atividades de pesquisa, produzindo vários artigos. Por essa época, era constante a sua correspondência com cientistas de várias nacionalidades, entre os quais o físico russo Loguin Iurevich Kraft, membro da Academia de Ciências de seu país.

De volta a sua terra natal, após visitar a Inglaterra e a França, e enquanto colocava em ordem suas várias anotações, soube da preparação de uma viagem científica de volta ao mundo que estava sendo preparada pelos russos. Tal oportunidade jamais poderia ser perdida. Escreveu imediatamente a Kraft, solicitando ser incluído na expedição, na qualidade de naturalista. Mas seu pedido havia chegado tarde demais. Na resposta que recebera, Kraft comunicava que os navios *Nadieshda* e *Nieva* já estavam prontos para zarpar de Copenhague e suas tripulações estavam completas. No mesmo dia Langsdorff segue para a capital da Noruega, na esperança de embarcar. Por sorte, os ventos desfavoráveis retardaram a partida, e ele chegou ainda a tempo de argumentar com o chefe da expedição, o navegante russo Ivan Fiodorovich Kruzenstern. Após certa relutância, este acabou por aceitá-lo a bordo, encarregando-o dos estudos de ictiologia e mineralogia da expedição. A partir de então, o seu destino estava

definitivamente ligado à velha Rússia dos tzares, passando até mesmo a assinar Grigory Ivanovitch Langsdorff, nome com o qual se tornou famoso.

A viagem iria exercer forte influência sobre o seu espírito de pesquisador abrindo horizontes nunca antes imaginados. Trouxe contatos com povos de ilhas perdidas no Pacífico que o despertaram para o estudo da etnografia, lingüística, geografia e mineralogia. Estava cada vez mais dedicado ao seu trabalho, coletando e selecionando material, ao mesmo tempo que desdenhava das dificuldades surgidas ao longo da viagem.

Os navios fizeram uma parada, de mais de um mês, na ilha de Santa Catarina, no litoral brasileiro.\* Seguiram depois para o sul, passando pelo Estreito de Magalhães e alcançando a Ilha de Páscoa. Chegaram depois às Ilhas Marquesas e ao Havaí, até atingirem a península do Kamtchatka, na parte oriental da Rússia.

Ao término da viagem, Langsdorff viveu ainda três anos na Rússia, participando de reuniões da Academia de Ciências e viajando pelo interior do país. Chegou a visitar o Japão, onde permaneceu quatro meses prisioneiro, uma vez que a política imperial daquele país era de evitar, ao máximo, qualquer contato com estrangeiros.

\* Sobre a passagem do barão de Langsdorff pela ilha de Santa Catarina, ver a obra organizada por Martim Afonso Palma de Haro, *Ilha de Santa Catarina – Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, Ed. Lunardelli, 1996. (Nota do Editor).



George Heinrich von Langsdorff.

De volta a São Petersburgo, foi nomeado, em setembro de 1812, para o cargo de cônsul geral da Rússia no Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro em abril de 1813.

As atividades de Langsdorff no Brasil foram, como sempre acontecia com ele, variadas e febris. Além de suas obrigações consulares, assumiu também funções diplomáticas, na qualidade de encarregado de negócios. Encontrava ainda tempo para frequentar bibliotecas e museus. Interessava-se sobremaneira pela migração, tornando-se ardoroso propagador dessa idéia entre os europeus ao publicar em Paris, em 1820, o livro: *Mémoire sur le Brésil pour servir de Guide à ceux qui désirent s'y établir*, no ano seguinte também publicado na Alemanha.

Após três anos de permanência no Brasil, comprou uma fazenda perto da cidade do Rio de Janeiro, denominada Mandioca. Havia ali plantações de café, mandioca, milho e frutas. Trabalhavam para ele 36 escravos negros, o que o fazia parecer um típico fazendeiro da época.

No entanto, sua fazenda era um local de encontro, para onde convergiam intelectuais brasileiros, viajantes estrangeiros e marinheiros russos. Sempre que podia, realizava pequenas viagens científicas pelos arredores, mantendo sempre bem informada a Academia de Ciências da Rússia sobre suas pesquisas, através de vários relatórios. A idéia de organizar uma grande expedição pelo interior do Brasil, por lugares nunca antes percorridos por cientistas estrangeiros, fervilhava em seu cérebro. Saint-Hilaire, que o acompanhou em algumas andanças, em seu livro *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, assim o descreveu:

*Na companhia do Sr. Langsdorff, a pessoa mais ativa e incansável que jamais encontrei na vida, aprendi a não perder um só minuto durante as viagens, a não ligar para as privações e a suportar com alegria a todas as incomodidades. O meu acompanhante andava para lá e para cá, agitava-se, chamava a um, fazia observações a outro, comia, escrevia seu diário, colocava em ordem uma coleção de borboletas, e tudo isto ao mesmo tempo. Seu andar era impetuoso, levando para a frente a cabeça e os braços, como que acusando de lentidão o resto do corpo. Ele falava tão depressa, que sua respiração era entrecortada, como acontece a alguém depois de uma extensa carreira.*

Em 1821 Langsdorff viaja à Rússia, levando consigo vasto material coletado e um relatório completo sobre suas pesquisas. Foi quando expôs seu projeto de uma grande expedição ao czar Alexandre I. Dizia em seu relatório que era grande a quantidade de cientistas europeus empolgados com o Brasil, alertando que a Rússia não poderia ficar atrás das outras potências.

## A expedição Langsdorff



E. P. Ménétrière.



L. Riedel.



J.M. Rugendas.



H. Florence.

Langsdorff deixou a Rússia com o seu projeto aprovado. Restava agora reunir participantes para o empreendimento. O primeiro a ser convidado foi Jean-Moris-Edouard Ménétrière, de nacionalidade francesa, também membro da Academia de Ciências de São Petersburgo. Os dois encontraram-se com o pintor Johann Moritz Rugendas na Alemanha, que também aceitou o desafio. Tanto Ménétrière como Rugendas tinham 19 anos de idade. Chegaram ao Rio de Janeiro no início de março de 1822, a bordo do navio Doris, trazendo grande quantidade de equipamentos científicos e livros, além de cem colonos alemães e suíços, de várias profissões, que vieram trabalhar na fazenda Mandioca. Os demais participantes da expedição, contratados por Langsdorff, foram: o botânico Ludwig Riedel, o astrônomo Nestor Rubtsov e o naturalista Wilhelm Freyreiss, que já moravam no Brasil.

A organização da expedição ocorria justamente no ano da independência, em um clima político denso e complexo, o que não deixava de prejudicar o seu trabalho. Além de suas atividades consulares, esteve ainda ocupado em acomodar em suas terras os colonos que trouxera, com dinheiro próprio, da Europa. Os preparativos da expedição tomavam-lhe muito tempo e dinheiro. Em carta (hoje sob a guarda do Arquivo do Itamaraty) endereçada a José Bonifácio em busca de auxílio financeiro também por parte do governo brasileiro, argumenta: “Eu criei em minha fazenda ramos de produção completamente desconhecidos aqui e que representam grande interesse para o país. Começarei a construir casas, a preparar telhas, construirei uma fábrica de sabão”.

Enquanto aguardavam o início da expedição, os demais participantes realizavam pequenas viagens nas proximidades da fazenda. Langsdorff uniu-se a eles em setembro de 1822, quando juntamente com Rubtsov, Ménétrière e Rugendas realizaram uma viagem a Nova Friburgo que se estendeu até dezembro, percorrendo caminhos tortuosos antes nunca visitados por cientistas estrangeiros. A grande viagem a Minas Gerais, primeira etapa da expedição, só pôde ter início a 8 de maio de 1824, quando visitaram as cidades de Ouro Preto, Sabará, São João del Rei, Congonhas e outras povoações do interior, sempre utilizando um roteiro próprio.

Logo a seguir o pintor Rugendas abandona a expedição, por atritar-se com Langsdorff. Ménétrière preferiu retornar à Rússia. Para o lugar de Rugendas, Langsdorff contratou dois novos pintores: Amadei Adrian Taunay e Hercules Florence, de 22 e 20 anos de idade, mas experientes desenhistas e cartógrafos.\* Para o lugar de Ménétrière, que era zoólogo, foi contratado o médico e naturalista alemão Christian Hasse.

A segunda etapa da expedição deveria percorrer as províncias de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, para regressar ao Rio de

\* Sobre desenhos e pinturas realizadas por Rugendas, Taunay e Florence ver *A Expedição Langsdorff ao Brasil 1821-1829*. 3v. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1988. O texto introdutório é do pesquisador russo Boris Komissarov. (Nota do Editor)

Janeiro através do Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Para isso viajaram a São Paulo, visitando várias cidades do interior da província. Em Itu, Langsdorff conheceu José Joaquim d'Almeida, realizador de uma viagem fluvial de Porto Feliz a Cuiabá, pelas águas do Tietê e outros rios. Desse encontro surgiu a idéia de abandonar as viagens por terra, para seguir os cursos dos rios. O argumento decisivo foi a constatação, por parte de Langsdorff, de que esse caminho fluvial não fora ainda seguido por nenhum outro cientista. O objetivo era partir de Porto Feliz seguindo pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuam, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, até atingir a cidade de Belém. Desta maneira, Goiás ficou fora de seus planos.

Enquanto o período de chuvas persistia, impossibilitando a partida, Langsdorff viajou ao Rio de Janeiro para enviar à Rússia algumas caixas de material coletado e diários de viagens. De volta, trouxe consigo sua esposa, Vigelmina Langsdorff, também disposta a seguir com a expedição. A partida deu-se no dia 22 de junho, tendo sido utilizadas duas grandes canoas batizadas com os nomes de Peroba e Chimbó, três batelões e três outras canoas menores. Ao todo eram 39 pessoas, incluindo remadores, caçadores, escravos e guias. Hasse preferiu abandonar a expedição, na esperança de se casar com a filha única do rico proprietário rural Francisco Álvares, em cuja residência os viajantes haviam se hospedado em Porto Feliz. No entanto, esse casamento não se deu. Ela preferiu casar-se, em 1829, com Hercule Florence, após o término da expedição. Chegaram a Cuiabá, no dia 30 de janeiro, após sete meses e oito dias de viagem. Era a primeira vez que cientistas estrangeiros realizavam esse percurso. O plano de Langsdorff consistia em permanecer cerca de um ano em Cuiabá, pesquisando os seus arredores e outras cidades próximas. Oito meses depois, ou seja, em outubro de 1827, Langsdorff decidiu dividir a expedição em dois grupos: Riedel e Taunay desceram o Guaporé e o Madeira; enquanto que os demais seguiram pelos rios Preto, Arinos, Juruema e Tapajós, para se reencontrarem no porto da Barra do rio Negro, hoje Manaus.

Riedel e Taunay, viajando juntos, visitaram várias aldeias indígenas, chegando quase à fronteira com a Bolívia, até que, a 10 de março de 1828, Taunay morre afogado nas águas do rio Guaporé, ao tentar atravessá-lo a nado. Riedel permanece ainda alguns meses em Vila Bela, para depois descer pelos rios Guaporé e Madeira. O grupo chefiado por Langsdorff chegou a Diamantino, norte de Mato Grosso, onde permaneceu quase quatro meses. Seguiram para Porto Velho, ainda em Mato Grosso, descendo depois o rio Preto até atingir o Arinos. Durante este percurso Langsdorff começou a sentir seus primeiros ataques de febre e vômitos. Ao atingirem o rio Juruema, quase todos os participantes já estavam enfermos. Das 34 pessoas que compunham o grupo,

somente 15 estavam em boas condições físicas. As doenças infestavam a quase todos, os insetos atacavam dia e noite e as chuvas eram constantes. A situação já era de extrema penúria. As provisões chegavam ao fim.

Langsdorff piorava a cada dia. Já quase não conseguia sair de sua rede. Confundia as datas e os acontecimentos, sofria de longos períodos de perda de memória. Em um de seus raros momentos de lucidez, encarregou a Rubtsov de assumir o comando da expedição e de enviar todo o material a São Petersburgo. Alguns dias depois, começa a perder definitivamente a razão. Em junho de 1828, ao atingirem o Tapajós, Florence era o único que continuava a escrever seu diário.

De Santarém a Belém do Pará a expedição seguiu a bordo de uma goleta comercial. Após uma breve parada na aldeia de Gurupá, chegaram a Belém, no dia 16 de setembro. No final de janeiro do ano seguinte, os viajantes partiram para o Rio de Janeiro a bordo do navio D. Pedro I, em uma viagem que durou mais de dois meses.

Desta maneira, após passarem mais de quatro anos envolvidos com esta segunda etapa da viagem, a expedição chega a um fim melancólico. Langsdorff, já sem condições de continuar suas atividades científicas pela perda completa de memória, parte para a Alemanha, onde morre em 1832. Florence passou a cuidar de uma plantação de café em São Paulo, onde chegou a ser bastante conhecido como pintor e inventor da fotografia. Os demais dispersaram-se sem nunca mais travarem contato com o acervo por eles reunido. Todo esse material permaneceu por um século esquecido em um porão do Museu do Jardim Botânico de São Petersburgo, tendo sido reencontrado somente em 1930, em ótimo estado de conservação.

Hoje, a comunidade científica internacional é unânime em afirmar que esta foi uma das mais importantes expedições científicas que percorreram o interior do Brasil no século XIX, e que, paradoxalmente, é a menos conhecida, a única que encerra algum mistério e cujo trabalho de análise e pesquisa apenas começa a ser feito. São centenas de caixas contendo diários, mapas, desenhos, anotações, cartas, estatísticas, etc.

Alguns dos manuscritos já foram decifrados e publicados na União Soviética\*. Os diários têm revelado valiosas informações sobre as fazendas brasileiras, a mineração, o comércio interno, os garimpos, as manufaturas e o artesanato das cidades e de tribos indígenas, além de dados sobre populações e o trabalho escravo.

No Brasil, pouco se tem feito no sentido de resgatar o acervo histórico da expedição Langsdorff. Em 1946, Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, informava a Dom Clemente Maria Nigra, diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, a existência de

\* Em 1990 foi publicada a obra do pesquisador alemão Hans Becher – *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff*: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. Brasília, São Paulo: Ed. UnB, Edições Diá, que reconstituiu importantes fases da vida e das atividades deste grande cientista.

Em 1994, a Editora UNESP, em conjunto com Edições Langsdorff publicaram a versão em português da obra do pesquisador russo Boris Komissarov, *Expedição Langsdorff: Acervo e Fontes Históricas*, traduzida pelo professor Marcos Pinto Braga. (Nota do Editor).



valioso material sobre o Brasil em algum museu soviético. Em 1943, Dom Clemente foi a Leningrado e confirmou a informação, declarando para uma reportagem da revista "O Cruzeiro", a 13 de dezembro de 1964, que "o material estava nos arquivos da Academia de Ciências, em Leningrado, e era muito mais importante do que se julgava". A partir desta constatação, os "Diários Associados" empreenderam negociações com o governo soviético para a obtenção de reproduções em microfílm dos diários. Com o advento do movimento militar de 1964, essas negociações foram interrompidas.

Uma década depois, o assunto toma novo caráter. A Academia de Ciências da União Soviética e a Universidade de Leningrado, mantenedora do acervo, dispõem-se a negociar, com o Ministério da Cultura e da Relações Exteriores do Brasil, alguma forma de entendimento que possibilite colocar à disposição de pesquisadores brasileiros o material da expedição, antes mesmo da assinatura do sempre adiado acordo cultural entre os dois países. A Universidade de Brasília, por sua vez, em contatos com autoridades brasileiras, manifesta seu interesse em colocar-se à disposição para receber e difundir no Brasil toda esta valiosa documentação histórica.

## **Documento inédito**

Hercules Florence participou da expedição de Langsdorff na qualidade de pintor e cartógrafo. Durante todo o percurso não deixou de escrever também o seu diário de viagens, dividindo-o em duas partes. A primeira, correspondendo a um caderno de 84 páginas, foi presenteada por ele à família de Adrian Taunay, morto durante a expedição. A segunda parte foi enviada por Florence a Riedel, no Rio de Janeiro, mas este já havia partido para a Rússia. O manuscrito foi parar nas mãos de F. F. Borélio, enviado russo ao Brasil, e acabou sendo remetido, em dezembro de 1830, ao Ministro de Negócios Exteriores K. N. Nesselrode, que, por sua vez, o fez chegar ao diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, F. B. Fischer, em abril de 1831.

A primeira parte do diário, correspondendo ao período de 3 de setembro de 1825 a 30 de janeiro de 1827, ou seja, até a chegada a Cuiabá, foi encontrada em 1874 pelo sobrinho de Adrian Taunay, o conhecido escritor e historiador Alfredo d'Escagnolle Taunay, quando revestia velhos papéis da família. Alfredo Taunay traduziu e publicou essa parte do diário, acrescida de uma introdução, na Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnológico do Brasil, em 1875.

A segunda parte de seu diário, que corresponde ao período de fevereiro de 1827 até 26 de março de 1829, era dada como perdida, em alguma parte da Rússia. Somente cem anos depois foi

reencontrada juntamente com todo o acervo da expedição. Esses manuscritos trazem o título: “Continuation de l’esquisse du voyage de M. de Langsdorff dans l’intérieur du Brésil, depuis S-bre 1825 jusqu’en Mars 1829. Par le 2-me Dessinateur de ce voyage Hercules Florence. Livre deuxième”. Estão contidos em um caderno tamanho 15,6 x 21,2 centímetros, preso por uma capa de papelão com lombada de couro, e contém 70 folhas.

A presente publicação corresponde a uma parte final dos manuscritos, conservados no Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética, seção de Leningrado, até então inédito no Brasil. Abrange o período de 31 de março de 1828 a 26 de março de 1829. A começos de dezembro de 1827, Langsdorff, Rubtsov e Florence deixaram Cuiabá em direção a Diamantino, centro das minas locais de diamantes. Três meses depois partiram para a vila de Porto Velho, no norte de Mato Grosso, às margens do rio Preto. O presente trecho do manuscrito de Florence começa com uma descrição sobre a partida da expedição de Porto Velho até Santarém, quando os viajantes passaram por vários perigos e privações.

A tradução para o português foi feita a partir de uma publicação em russo, dada a impossibilidade que até hoje existe de se obter cópias do original em francês. A publicação em russo foi preparada pelo Doutor em Ciências Históricas Boris N. Komissarov, da Universidade de Leningrado, e apareceu na revista “Latinskaia América”, nº 5, de 1972. Serão mantidas aqui as suas observações, enumeradas e explicadas no final do artigo; bem como os asteriscos indicativos de partes omissas na publicação em russo.

### **Continuação do diário de viagem de M. de Langsdorff ao interior do Brasil de setembro de 1825 a março de 1829. Pelo segundo desenhista da expedição Hercules Florence. Livro Segundo<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> O posto de primeiro artista da expedição de Langsdorff era ocupado por Amadei Adriane Taunay.

<sup>2</sup> Vilarejo Porto Velho, no Rio Preto.

1828, 31 de março. Já faz um mês desde o dia em que chegamos a este porto<sup>2</sup>, ou seja, há um mês deixamos Diamantino para aqui nos fixarmos. Este ancoradouro é triste, devido às doenças que são comuns. Felizmente elas não me ameaçaram. Sofri, durante dois dias apenas, forte dor de cabeça, acompanhada de grande fraqueza. Finalmente, hoje, lá pelas dez horas da manhã carregamos os barcos e partimos.

Nossa navegação foi muito perigosa e inquietante. O estreito rio estava repleto de grandes troncos caídos. As canoas, levadas pelas fortes correntes, seguiam entre os troncos que lhes cortavam o caminho. Tínhamos que nos deitar a cada momento ou saltitar com destreza. Mesmo assim, cada um de nós teve oportunidade de abandonar o barco; seja porque foi atirado ou se viu obrigado a atirar-se às águas. Posso dizer que, no decorrer de todo

o dia, todos passamos por perigo de vida, ou de quebrar um braço ou uma perna. Eu ainda não havia realizado uma navegação tão arriscada. Mas apenas duas pessoas ficaram feridas.

1828, 1º de abril. Os mesmos perigos, o mesmo tipo de navegação que ontem. Parávamos com frequência devido aos grandes troncos de árvores que impediam a passagem. Tínhamos que cortá-los a machado. Perto da barra, o rio tornava-se mais estreito. Espalhava-se em vários canais ou, melhor dizendo, transformava-se em verdadeiro pântano.

Finalmente, para a alegria geral, cerca de quatro horas da manhã, entramos no tão esperado rio Arinos. Sua largura neste local era de cerca de 60 braças marítimas, orlado por uma contínua linha de árvores. Descemos na margem direita, do lado contrário à desembocadura do rio Preto, que desde este ponto não podia ser vista. O resto do dia utilizamos para montar as barracas, que se encontravam desmontadas por sobre os barcos. Não poderíamos tê-las armado antes, pois teriam sido quebradas pelo vento. Estivemos a descoberto durante todo o tempo da navegação.

2. Cerca de 9 horas da manhã avistamos o Registro Novo, e pelas 10 horas chegamos ao Registro Velho<sup>3</sup>. No primeiro não havia uma só pessoa, e, no segundo, havia o intendente e quatro soldados de infantaria, um dos quais, de acordo com ordens do comandante de Diamantino, uniu-se a nós para completar o comando de 15 homens colocados à nossa disposição pelo governo brasileiro, de acordo com instruções recebidas pelo cônsul<sup>4</sup>.

Este posto aduaneiro foi estabelecido com a finalidade de dar buscas em caravanas, cobrar impostos por mercadorias transportadas do Grão-Pará e espreitar ladrões e escravos fugidos (...)\*

3. Partimos assim que começou a clarear. Vimos desembocaduras de vários córregos. Dizem que um deles é o Ribeiro dos Patos, rico em ouro e brilhantes, mas perigoso devido aos índios selvagens. Na margem esquerda vimos um quintal abandonado (...)\*\* destruído há alguns anos atrás. Conheci, em Diamantino, alguns mineiros<sup>5</sup> que se dispuseram a trabalhar ali (...)\*\*\*

4. Deixei de fazer meu diário porque estive com forte dor de cabeça, muita fraqueza e uma completa repulsa para com os alimentos. Dois dias após, comecei a sentir calafrios e febre. Apesar de a doença ter-me feito sofrer menos do que de outras vezes (eu, por vezes, sentia apenas acessos), não tive condições de escrever regularmente. Uma parte do manuscrito foi feita no próprio local, e outra de memória, em Santarém. Por este motivo, por vezes, ocorrerão intervalos entre os fatos.

9. Partimos antes do amanhecer. O rio estava tão calmo que nos permitia viajar à noite. Assim se manteve no decorrer de todo o dia. Almoçamos na margem esquerda da foz do rio Sumidouro. É um rio mais estreito que o Arinos. Em suas cabeceiras podem-se encontrar escravos fugidos.

<sup>3</sup> Posto aduaneiro no rio Arinos.

<sup>4</sup> Langsdorff foi designado cônsul geral da Rússia no Brasil em 1812.

\* Omissa da publicação a descrição de uma variedade de palmeira.

\*\* No original, uma palavra indecifrável.

<sup>5</sup> Mineiro – aquele que trabalhava nas minas de ouro e diamantes.

\*\*\* Omissos os cálculos de distâncias percorridas.

10. Durante todo o dia movemo-nos através de pequenas correntezas. Mas, uma vez que nesta época do ano os rios atingem seus níveis máximos, elas estavam como que cobertas pelas águas. Era apenas a arrebentação e correntes velozes. A grande quantidade de ilhas, ilhotas e ribanceiras oferecia uma bonita vista.

11. Esperávamos que somente à noite chegaríamos ao local habitado pelos índios Apiacá<sup>6</sup> (havíamos pernoitado em Aldeia Velha, aldeia que eles abandonaram), mas, pela manhã, logo depois de nossa partida, notamos alguns índios que subiam o rio em suas canoas. Eles soltavam gritos de alegria. Desembarcamos. Na margem havia vinte ou trinta mulheres e igual quantidade de homens, e assim que nos viram expressaram seu contentamento. Um dos homens apresentou-se a nós em uniforme que havia recebido do presidente da província (Mato Grosso) José Saturnino da Costa Pereira<sup>7</sup>. Este último deu também ao índio o seu nome, quando ele fora levado a Cuiabá por um viajante brasileiro<sup>8</sup>.

O referido índio apressou-se a mostrar-nos sua patente de capitão-mor dos Apiacá, que havia recebido do presidente<sup>9</sup>. Seu uniforme consistia de um velho chapéu de cavalaria e calças grossas de algodão. Estava sem camisa e descalço. Não percebi que os outros índios, de uma ou de outra maneira, se mostrassem submissos a ele. Prometeu-nos muito, mas não cumpria suas palavras. Estes índios andam completamente nus. Pintam seus corpos com rocu<sup>10</sup>. Os rostos dos homens são tatuados com um só tipo de desenho. As mulheres também são tatuadas, mas com outros tipos de desenho. Com exceção desta tatuagem, que parecia simbolizar a tribo, eles inventavam de tatuar seus peitos e barrigas com linhas que se cruzavam sob ângulos retos. Nas mãos e pernas traziam representações malfeitas de quadrúpedes e peixes e, às vezes, de figuras humanas. Eles também se pintavam com suco de jenipapo<sup>11</sup>. Esta pintura não tem um caráter definido como as tatuagens, e sim obedecem aos caprichos de cada: uns pintavam os quadris, mãos, pernas; outros traziam manchas escuras pela barriga ou outras partes do corpo. As mulheres traziam tatuagens somente no queixo, e, como os homens, tinham manchas escuras nas pernas e nádegas (...)\*

Os Apiacá são muito festivos, possuem altura normal, boa compleição e traços fisionômicos retos. Alguns deles tinham o rosto de tipo indígena, mas outros deixavam transparecer traços europeus. Geralmente seus rostos possuem uma expressão de submissão. Eu vi bonitas moças. Seus rostos eram parecidos com os de nossas mulheres do sul da Europa.

Os Apiacá chegaram até aqui com a finalidade de se dedicarem à pesca na foz do pequeno riacho, que, pelo visto, estava infestada de peixes. Nos riachos estreitos eles colocavam cercas, cujas bases eram enterradas no fundo. As águas, não encontrando uma saída, subiam e transbordavam-se por sobre a parte superior.

<sup>6</sup> Índios da tribo Apiacá (tupi). Habitavam as margens dos rios Arinos e Tapajós. Mantinham contatos com os brasileiros. Sobre os Apiacá, ver o livro de H. Beldus, *Biografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo, 1954, vol. I; Hannover, 1968, vol. II.

<sup>7</sup> José Saturnino da Costa Pereira (1773-1852), cientista e estadista brasileiro.

<sup>8</sup> Refere-se a Braz Antonio Peixoto de Azevedo, que viajou em companhia do chefe dos Apiacá até Cuiabá em 1818. ver N. G. Sprintsin, "Os Índios Apiacá". (Do material da primeira expedição russa ao Brasil.) "Pequena informação do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências da URSS", 1950, edição X, pp. 84-94.

<sup>9</sup> Capitão-mor – representante da administração provincial brasileira, detentor do poder executivo do distrito. Carta de patente. Ver N. G. Sprintsin, "Descrição paisagística da viagem de Porto Feliz a Cuiabá" (H. Florence). *Etnografia Soviética*, 1936, nº 6, pp. 109-110.

<sup>10</sup> Rocu (o certo seria urucu) – tinta usada pelos índios para proteção da pele aos raios do sol.

<sup>11</sup> Planta cujo suco é utilizado pelos índios como tinta preta.

\* Omito um desenho esquemático das tatuagens dos índios Apiacá.

Nas partes inferiores da cerca, faziam buracos onde colocavam as cestas. Para que a correnteza não as levasse, as cestas eram fixadas transversalmente à posição das varas. Uma vez que as cercas estavam cobertas pelas águas, eu não podia ver a sua parte inferior, mas estava presente quando os índios retiravam os peixes. Eles mergulhavam e cada um deles aparecia na superfície da água segurando uma cesta cheia de peixes (...)\*

\* Omisso um desenho das cestas usadas pelos índios para a pesca.

\*\* Ausência no texto original.

\*\*\* Omissa a descrição das espécies de milho anotadas por Florence na aldeia dos índios Apiacá.

Havendo chegado a este local alguns dias atrás, os Apiacá construíram um barracão de palha, grande e redondo. Era feito com habilidade e firmeza. No seu interior havia muitos esteios de troncos de árvores (...)\*\* de alturas diferentes. Os mais altos suportavam o teto do barracão, outros apoiavam algo parecido a uns caniçados de varas colocadas em posição horizontal. Estes caniçados serviam para guardar coisas, armas e reservas de provisões. Ali havia muito milho (...)\*\*

Os caniçados encontravam-se a uma altura de mais de seis pés. Sob eles, nos esteios, estavam amarradas várias redes, umas sobre as outras, em várias direções.

Cada manhã eles entram em suas canoas feitas de casca de árvores e dirigem-se ao riacho em busca de peixes. Quando voltam não fazem outra coisa senão continuar suas brincadeiras e a preparação de seus enfeites e flechas. As mulheres são as mais ocupadas. Elas colocam no caldeirão tão pouco milho que o resultado mais parece uma bebida do que comida. A comida chama-se camuí. Elas fiam o algodão fazendo redes e braceletes. Estes índios usam enfeites de penas pintadas com bonitas cores.

Havia ali cerca de 80 pessoas. Muitas mulheres entregam-se aos brancos. Alguns dos homens vêm, eles mesmos, oferecer aos brancos suas mulheres. Os homens Apiacá têm, por esta razão, a reputação de não serem ciumentos; e as mulheres, de não serem muito pudicas. Entre eles havia jovens casais que, pelo visto, se amavam carinhosamente, e, penso eu, eram fiéis entre si.

Uma tarde, quando eu estava deitado na rede, sofrendo calafrios de febre, aproximou-se de mim um jovem acompanhado de duas mulheres. Levantando o meu mosqueteiro, disse-me em sua língua: *Carivá\*\*\*\**, *Cunhá catú mirim*, o que quer dizer: “Branco, mulher boa, pequena”. Ele queria dizer que elas eram jovens e bonitas. Desta maneira ofereciam (as mulheres) aos outros homens de nossa expedição.

\*\*\*\* Esta palavra não está muito clara no manuscrito. Pode ser lida também como Carevá.

1828. 14 de abril. Partimos desta aldeia dos Apiacá e depois do meio-dia chegamos ao lugar onde era a sua habitação permanente. Havia ali poucas pessoas. Era uma casa muito grande. Os Apiacá possuíam considerável reserva de milho, dois ou três porcos, algumas galinhas e patos. Estes animais domésticos foram trazidos, há dez anos atrás, pelo português Braz Antônio Peixoto de Azevedo, uma pessoa empreendedora, que por várias vezes havia realizado tais viagens e sempre oferecia parte de seus pertences àqueles índios.

Os índios possuíam muitas araras, que passavam quase todo o tempo no topo das casas. Elas voavam para a floresta, mas eram tão acostumadas que nunca se distanciavam muito, e deixavam os índios tomá-las nas mãos e levá-las para qualquer parte. Os Apiacá criavam estas aves devido às suas belas e grandes penas, azuis, amarelas e vermelhas, e também porque elas serviam como alimentos (...)\*

\* Omissos na publicação uma descrição dos costumes dos índios Apiacá, um desenho e esclarecimentos sobre a construção de canoas.

Eles têm uma plantação de milho que cuidam conjuntamente. A colheita também é feita em conjunto. Havia aqui uma reserva de milho maior do que na primeira aldeia.

Possuíam muitos mangaritos. É uma raiz muito delicada. Geralmente, pela sua aparência, lembra a batata, mas é de menor tamanho e a casca é muito mais fina. Existem algumas destas raízes que são do tamanho de uma batata (...)\*\*

\*\* Omissa na publicação a descrição das qualidades culinárias da raiz de mangarito.

Há uma aldeia dos Apiacá que se encontra a uma distância de um dia de viagem para o interior do país, na direção oeste. Outra aldeia encontra-se na mesma direção, mais a oeste ainda, nas margens do Juruena, acima do encontro deste rio com o Arinos.

21 de abril. Deixamos a aldeia dos simpáticos Apiacá. Tudo o que vi neles diz-me que os selvagens são felizes, apesar de se encontrarem no mesmo nível de cultura que o homem primitivo, e estão privados de todas as vantagens que nós gozamos. Claro que a situação deles não causa inveja a uma pessoa que possua capacidades e anseios de conhecimentos, mas ela pode causar inveja a uma pessoa isenta de ambições, ou que tenha conhecido a maldade, de que se padece em nossa sociedade.

Todos os Apiacá são parecidos. Possuem chefes, mas não manifestam o menor sinal de obediência com relação a eles. Imagino que nossos homens consideram os chefes como tais, somente porque estão acostumados a ver caciques e capitães até mesmo onde eles não existem. Certa vez vi um jovem (Apiacá) que, como nos pareceu, gozava de certo respeito. Uma vez que ele era muito amável e entendia o português melhor que os outros, nós lhe pedimos um pouco de milho e raízes. Por uma ordem sua os outros índios puseram-se a servir-nos e as mulheres trouxeram milho triturado. Ele e sua mulher, também muito jovem, se destacavam pelas suas maneiras delicadas. Formavam um casal feliz, sempre brincavam juntos e se acariciavam com freqüência. Havia ainda outros casais jovens que, pelo visto, se amavam muito. De uma maneira geral, o rosto destes índios expressavam felicidade e bondade.

Um deles seguiu caminho conosco com o propósito de acompanhar-nos até o Pará, quando saímos da primeira aldeia. Sua amada chegou por terra e acariciou-o tão longamente que, no momento de nossa partida, escondeu-se no mato. Outros índios que nos acompanhavam procederam da mesma maneira. Eu explico esta atitude pela suposição que tinham de que o senhor

cônsul iria maltratá-los. A doença o havia tornado muito nervoso, irritando-se freqüentemente com os remadores e escravos. Vários índios sempre acompanhavam os comerciantes até Santarém, e depois voltavam. Alguns iam somente até a cachoeira Salto Augusto, para ajudar a carregar as canoas por terra.

Um dos Apiacá, a quem nossos homens apelidaram de Alexandre, veio conosco até Diamantino. Ele fugiu de um agente aduaneiro. No momento de nossa partida da segunda aldeia, ele também escondeu-se no mato.

Penso que as mulheres Apiacá que se entregam facilmente aos viajantes não possuem maridos, se se pode assim denominá-los. Elas procedem desta maneira para receber presentes – colares e outras coisas menores.

As mulheres são bonitas. Entre elas existem umas bem feitas de corpo. Mas, geralmente, elas possuem cintura grossa, barriga grande, mãos pequenas e pernas finas. Abaixo dos joelhos e acima dos tornozelos elas trazem, como enfeites, barbantes enrolados e muito apertados. Seus pés são pequenos.

Possuem vários utensílios. Particularmente desenvolvidas nestes índios são a cerâmica e a arte da tecelagem.

Partimos pela manhã, e por volta das três horas da tarde chegamos à foz do rio dos Peixes, onde fizemos acampamento à margem, para dar oportunidade ao nosso guia de pescar algo.

Cerca de seis anos atrás um padre, o Padre Lopes, subiu este rio à procura da suposta montanha d'Os Martírios, que, como dizem, foi vista por alguns moradores dos sertões<sup>12</sup>, e anunciada como uma montanha rica em ouro. O padre havia trazido consigo alguns índios Apiacá que disseram conhecer um lugar onde tudo era de ouro. Chegando ao local, convenceu-se de que não passava apenas de malacacheta vermelha. Depois de buscas infrutíferas, regressou. Sofria de fome e febre. Desta doença morreram várias pessoas (dentre as que o acompanhavam). No rio dos Peixes ele lutou contra uma horda de índios selvagens e matou alguns deles.

22. Cerca das 10 horas da manhã atravessamos a cachoeira Rebojo. Esta é a primeira cachoeira no Arinos, cuja travessia exige a observância de alguns cuidados. Nesta época do ano o rio está muito largo. Existem nele muitas ilhas cobertas de florestas. As margens são também cobertas por florestas densas. É triste. Vimos apenas algumas poucas aves. Em 23 dias pescamos apenas sete ou oito peixes (...)\*

Nosso fracasso explica-se pelo fato de que neste período as águas do rio estão muito altas. As planícies ribeirinhas estão submersas. De mantimentos tínhamos apenas feijão, farinha de milho e arroz. Se a caça poderia dar-nos algo, não podíamos fazer nada, uma vez que os nossos caçadores estavam doentes. Estas limitações e as doenças trouxeram as recordações de uma vida mais agradável, no tempo da viagem de Porto Feliz a Cuiabá<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Sertão – regiões secas do interior do Brasil.

\* Omissos na publicação os nomes dos peixes.

<sup>13</sup> A navegação pelo rio de Porto Feliz a Cuiabá ocorreu de 22 de junho de 1826 a 30 de janeiro de 1827. Hercules Florence dedicou a ela um ensaio particular, cujo manuscrito está no Arquivo da Academia de Ciências da URSS (Fundo 63, inventário 1, nº 35). Este ensaio foi publicado por N. G. Sprintsin (Ver observação nº 9).

A todas estas adversidades tem-se que acrescentar mais uma desgraça (eu havia esquecido-me de falar dela antes), da qual viemos sofrendo desde rio Preto. Eram milhões de piolhos, insetos alados menores que as pulgas. Picando e sugando o sangue estes piolhos causam uma dorzinha, como picada de mosquito, mas suportá-la é mais difícil, uma vez que a coceira depois da picada é mais forte. Este inseto trouxe-nos um sofrimento insuportável (...)\*

\* Omissa na publicação uma anotação sobre as dificuldades dos viajantes com os insetos mencionados.

22. Continuação. A vista de montanhas à esquerda e à direita trouxe hoje alguma modificação à monótona paisagem.

1828. 23 de abril. Pegamos o caminho ao amanhecer. Às sete horas da manhã entramos no rio Juruema. Aqui vimos o lugar onde o Arinos toma este nome.

Uma vez que ambos os rios são bastante largos, após suas junções, o Juruema, penso eu, alcança uma largura de 450 braças marítimas, e de uma margem é impossível perceber uma canoa que se encontra na outra. Quando sopra o vento, as Canoas, se elas não estão perto das margens, correm perigo.

As ilhas neste rio são tão numerosas que somente às vezes podíamos ver ambas as margens ao mesmo tempo. Algumas das ilhas chegavam a ter um comprimento de duas léguas.

Desde o momento em que saímos do rio Preto este foi o melhor lugar para uma parada, uma vez que parte da margem pedregosa era inclinada e eu pude ter a satisfação de passear um pouco e nadar.

24. Depois de havermos passado todo o dia entre as várias ilhas, lá pelas quatro horas da tarde chegamos a outra aldeia dos Apiacá.

Aqui havia poucas pessoas. Muitos estavam na pescaria. Entre os Apiacá nunca encontrei velhos. O homem mais velho poderia ter cerca de 50 anos. Se acreditar naquilo que me disseram os brasileiros, quando os índios começam a apresentar alguns cabelos brancos, e começa a se mostrar velho, isto quer dizer que ele já tem mais de cem anos. Em todas as partes por onde estivemos nunca notei nenhum índio velho, de cabelos brancos.

Assim que chegamos à aldeia um forte vento trouxe chuva, acompanhada de retumbantes trovões. O rio, que tinha aqui uma largura de cerca de 450 braças, tornou-se agitado como o mar. Na sua até então calma superfície começaram a aparecer ondas, sopradas por um vento frio. Em breve enormes ondas começaram a se quebrar estrondosamente na praia. Tivemos que trabalhar muito para colocar as Canoas em local seguro. Depois de uma hora, o vento cessou. O céu tornou-se azul outra vez.

Na língua dos Apiacá existem muitas palavras da língua geral brasileira<sup>14</sup>. Deduz-se que os Apiacá tomaram estas palavras dos índios Manduruca<sup>15</sup>, dos quais uma parte fala a língua geral. Esta língua era usada antes também em São Paulo. Durante a

<sup>14</sup> Língua Geral – baseada na língua tupi-guarani e acrescida de elementos da língua portuguesa.

<sup>15</sup> Manduruca (o certo seria Mundurucu) – tribo indígena habitante das margens dos rios Arinos e Tapajós. Assim como os Apiacá, os Mundurucu mantinham contatos com brasileiros. Sobre os Mundurucu, ver o livro de H. Baldus, op. cit.

minha estadia naquela província conheci velhos que ainda falavam a língua geral. No Pará apenas os índios civilizados a conhecem.

26. Tendo tomado o caminho pela manhã, durante todo o dia passamos por entre ilhas de diferentes tamanhos. Cerca das quatro horas da tarde, um inesperado sopro de vento, que, ao que pareceu, poderia ser tão perigoso como o de ontem, obrigou-nos a entrar num braço do rio, onde procuramos abrigo.

27. Durante todo o tempo, muitas ilhas e lugares montanhosos.

28. Partimos somente às 9 horas da manhã, uma vez que nossos homens estavam na floresta procurando embira (filamentos de raízes de árvores). Iríamos precisar delas para tecer cordas e puxar as canoas pelas margens do rio à altura da cachoeira Salto Augusto, perto de onde já estávamos.

Depois de passarmos por dois ou três meandros, o som de uma corneta de caça e o estampido de uma arma de fogo anunciou-nos a presença de pessoas que subiam o rio. Era um comerciante de Diamantino que voltava de Santarém. Ele tinha apenas uma pequena canoa, parecida àquelas usadas no Pará, e do tamanho de um salva-vidas de navio de mar. Com exceção do comerciante, na canoa havia dois jovens, seus irmãos, e dez pessoas como tripulação, dos quais três eram Apiacá. O comerciante era conhecido do senhor cônsul desde Diamantino. Oito dias atrás esteve atacado de febre intermitente. Mal chegara à tenda do senhor cônsul, começou a relatar os seus sofrimentos, sua grande debilidade. Com os olhos cheios de lágrimas o comerciante descreveu seu contentamento com o encontro; e com a possibilidade de receber remédios. Estava muito esgotado, pálido e tão fraco que nem podia permanecer sentado. Novamente foi interrompido por lágrimas e soluços. Sentia um grande temor à morte. Seu irmão mais novo, que se encontrava em situação pior que a sua, portava-se com mais coragem.

As mãos, rosto, pescoço e pernas daqueles infelizes, como também as nossas, estavam cobertas de picadas de piolhos, e havia feridas nos lugares das picadas.

A carga de sua canoa consistia em dúzias de pequenas garrafas de vinho, cinco ou seis caixotes de licor de zimbro, três caixotes de guaraná<sup>16</sup>, três sacos de sal e ainda outras mercadorias e produtos preparados em Santarém como reserva para três meses. Com esta pequena quantidade de mercadoria o comerciante esperava obter um lucro de 840.000 réis<sup>17</sup>, deduzidas as despesas de pagamento e alimentação às dez pessoas do comando durante três meses, como também o tempo de parada em Santarém.

29. O senhor cônsul deu àqueles pobres homens alguns poucos alimentos e remédios variados. Devido a eles, permanecemos uma noite no local de nosso encontro.

<sup>16</sup> Guaraná – produto de planta com o mesmo nome. Usava-se para a obtenção de uma bebida muito popular nas províncias de Mato Grosso e Pará.

<sup>17</sup> Réis – antiga unidade monetária de Portugal e do Brasil. O réis brasileiro correspondia aproximadamente a 0,28 centimos franceses e a 0,1 copeques russo.

Hoje partimos às 9 horas da manhã e, após um quarto de hora, chegamos a São João da Barra, a primeira cachoeira significativa que se encontra na descida deste rio.

Ela é dividida em duas partes por uma ilha, onde armamos acampamento. A canoa onde eu me encontrava escapou do perigo de ter sido levada pela correnteza, em direção à cachoeira. Descarregamos nossas Canoas e levamos as cargas, por um caminho quase que impraticável, até o outro extremo da ilha. As Canoas desceram pela correnteza em direção à cachoeira. Para conservá-las, na descida, com a proa de uma voltada para a popa da outra, foram amarradas com cordas. Iam duas pessoas em cada canoa e os demais, com água até a cintura, ou nas margens rochosas, seguravam as cordas.

30. Transportamos o senhor cônsul e o senhor Rubtsov em suas redes até o outro extremo da ilha<sup>18</sup>. Apressamo-nos em abandonar aquele lugar porque as Canoas poderiam arrebentar-se nos rochedos com os golpes das ondas. Após alguns minutos depois da partida descemos pelo rio calmo (...)\*

Depois de fazer uma parada de duas horas, para preparar refeição e almoçar, pusemos-nos novamente a caminho. Já se ouvia o barulho do Salto Augusto. Atravessamos uma cachoeira onde as ondas cobriam as Canoas. O forte balanço para os lados punha em perigo as tendas armadas nas Canoas. Uma tenda quase caiu. Felizmente a travessia foi rápida. Logo notamos um vapor branco que se elevava do Salto e se dissipava com o vento.

Descemos rapidamente pela correnteza, conservando-nos o mais perto possível da margem direita e nos fixamos a ela a uns 250 tois<sup>19</sup> da cachoeira.

A barcaça não pode manobrar tão rapidamente, porque no meio do rio ela foi tomada por uma forte correnteza que poderia tê-la levado ao fundo da cachoeira. Começamos a considerar mortas as pessoas que estavam na barcaça. Um dos nossos timoneiros gritou-lhes para que tentassem chegar até a ilha, que ficava no meio da cachoeira. Elas poderiam ser salvas chegando-se até a barcaça em Canoas amarradas às margens por cordas de 250 braças marítimas. Entretanto não tínhamos, é claro, uma corda deste comprimento.

O timoneiro não pode mais dirigir a barcaça que se virou em direção da cachoeira. Os remadores na proa trabalharam com todas as suas forças. A barcaça entrou em outra corrente e isto a salvou. Com grande dificuldade, os remadores trouxeram-na para a margem, pouco mais abaixo do lugar onde estávamos.

O guia, os timoneiros, seus ajudantes e os remadores levaram as Canoas, uma após outra, pela correnteza abaixo. Para se chegar ao pé da cachoeira, repetiram sempre as mesmas manobras. Estes cuidados garantiram nossa segurança.

<sup>18</sup> G. H. Langsdorff e N. G. Rubtsov sofreram forte ataque de febre tropical.

\* Omissa na publicação uma descrição referente à zoologia.

<sup>19</sup> Tois – antiga medida francesa de comprimento, igual a um metro e 949 milímetros.

\* Omissa na publicação uma descrição da cachoeira Salto Augusto.

<sup>20</sup> João Carlos Augusto d'Oeynhausen – estadista brasileiro. A começar do século XIX foi governador das províncias de São Paulo e Mato Grosso.

\*\* Omissa na publicação uma descrição de uma das sepulturas.

**Marcos Pinto Braga** era professor da Universidade de Brasília e principal pesquisador brasileiro do acervo da Expedição Langsdorff. Faleceu em 1995. Este artigo foi publicado originalmente na revista *Humanidades*, Editora da UnB, n. 15, p. 32-41, 1987/88.

Desci em terra para olhar a cachoeira. Contemplar totalmente o Salto era impossível, uma vez que ele é composto de duas cachoeiras sobrepostas. Entre elas via-se apenas uma cascata de espuma. A espuma era vista até a base da segunda cachoeira, uma vez que a água ainda corria com força sobre as rochas por ela coberta. A ilha que se encontra em frente, no meio do salto, impede a vista para a outra parte da cachoeira, que era pelo menos duas vezes maior que a primeira (...)\*

O nome de Augusto foi dado à cachoeira por um viajante, em homenagem a João Carlos Augusto d'Oeynhausen<sup>20</sup>. Era o governador da província de Mato Grosso na época em que ela foi descoberta, e muito contribuiu para a navegação entre Diamantino e o Pará.

Do ancoradouro de cima ao de baixo existe um cabo de cerca de 300 pés de extensão, pelo qual são transportadas as cargas e as canoas. Armamos acampamento perto do ancoradouro inferior, à beira de uma ladeira que possuía uma inclinação de 30 graus. Ali por perto havia um cemitério, onde, em tempos diferentes, foram enterradas 40 pessoas, mortas pela febre. Uma grande cruz foi erguida no local (...)\*\*

(continua)

Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética, Seção de Leningrado, Fundo 63, inventário 1, nº 8, folhas 32 verso a 44. Tradução M. P. Braga.